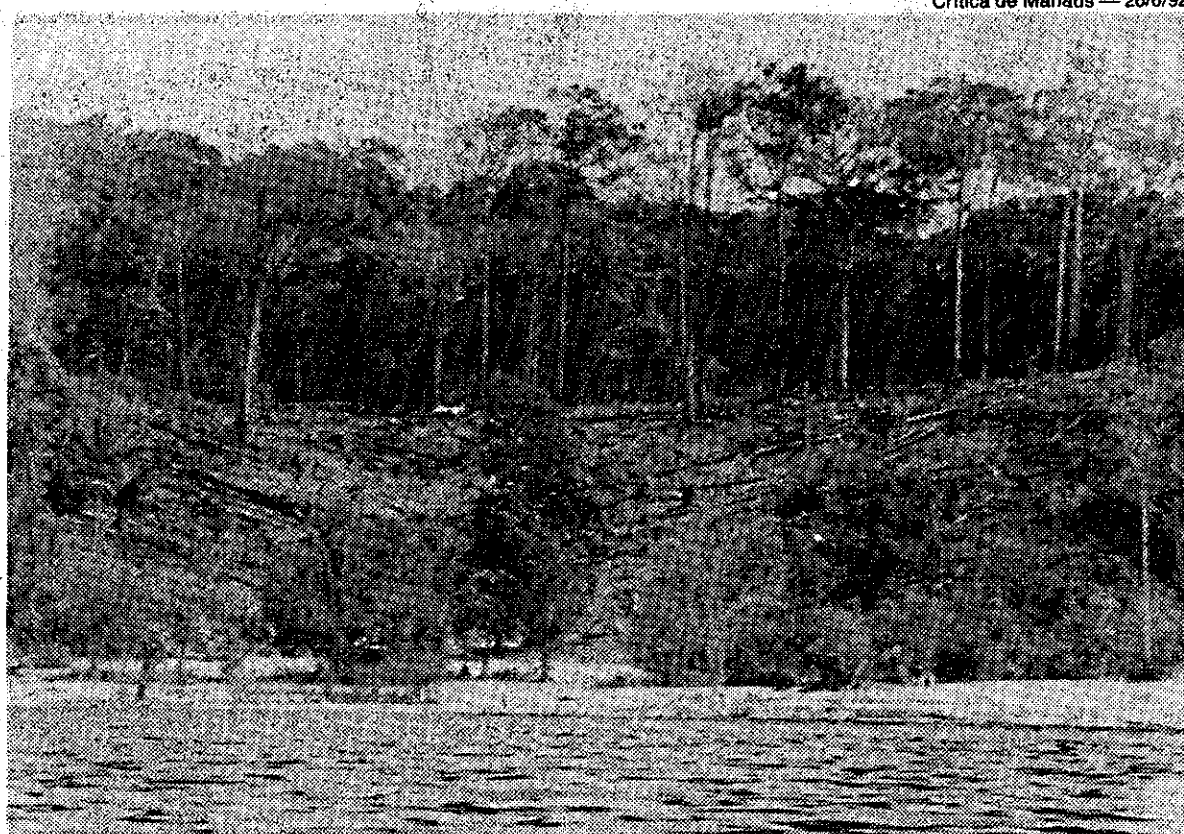


# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: JB Class.: Waimiri-Atroari

Data: 02/07/92 Pg.: 13



Crítica de Manaus — 26/6/92

*As margens do Rio Negro, o desmatamento favorece a erosão na reserva do Tupé*

## Queimadas destroem reserva

*Posseiro e turista ameaçam parque perto de Manaus*

*Orlando Farias*

**M**ANAU — O paraíso dos deuses no Amazonas — como é conhecida a reserva ecológica do Tupé, no Rio Negro, a 20 quilômetros de Manaus — está pouco a pouco desaparecendo, em consequência das freqüentes queimadas. Em apenas quatro anos, 100 hectares de palmeiras e castanheiras, as principais espécies da reserva, viraram carvão e as suas encostas, desprotegidas de arborização, começaram a ser atingidas pela erosão.

Nem mesmo o lugar sagrado dos índios waimiri-atroari, os antigos donos do Tupé, localizado no platô mais alto da região, em frente às praias naturais da reserva, foi poupado das queimadas. Há uma semana, três hectares foram queimados pelo posseiro Jalmir Matias, de 34 anos, para plantar mandioca. Na quarta-feira, quando limpava a área para

iniciar o plantio, Matias descobriu que havia destruído também um "cemitério indígena" — como definiu os sítios arqueológicos de sofisticada cerâmica que localizou a uma profundidade de 30 centímetros do solo.

Indiferente ao desastre, Jalmir revelou ter encontrado vasos "estranhos e coloridos, mas como eles não valem nada para mim, tive que quebrá-los com minha enxada", explicou, acrescentando: "Eles iam atrapalhar minha plantação".

Desmatamentos ainda maiores ocorreram nos últimos três meses ao longo das margens do Rio Tupé, um afluente do Negro que emprestou seu nome à reserva. As freqüentes chamas que ardem já há quatro anos no Tupé chamaram a atenção do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) de São José dos Campos, SP, que identificou o crescimento de queimadas na região e chegou a enviar ao Amazonas o engenheiro José Simeão Medeiros, para verificar a extensão do desastre ecológico.

O Tupé foi transformado há três anos em reserva ecológica pe-

la nova lei orgânica de Manaus, como uma tentativa de reverter a invasão da área por posseiros e neutralizar a cobiça de grupos hoteleiros. Protegida por lei, a reserva não conta, no entanto, com a presença de um único guarda florestal. Aos domingos, duas mil pessoas entulham as suas praias de lixo e deixam as marcas do fogo com que preparam o peixe assado, nas árvores que ainda restam à beira-rio.

Se o ritmo de queimadas prosseguir, o Tupé estará definitivamente fora do mapa ecológico do país dentro de mais dois anos, segundo previsão do ambientalista João Pedro Gonçalves, da Greenpeace, que, junto com alguns pesquisadores amazonenses, está tentando organizar uma campanha de preservação da reserva. "O que está ocorrendo hoje no Tupé, com absoluta certeza, se trata do maior desastre ecológico dos últimos anos no Amazonas e isso demonstra claramente que a política ambientalista do governador Gilberto Mestrinho não passa de simples retórica", avaliou João Pedro Gonçalves.